



Além da edição impressa, as notícias do Agronegócio são publicadas diariamente no site do JC. Aponte a câmera do celular para o QR Code e acesse. www.jornaldocomercio.com/agro



Seca global desafia força produtiva do Brasil

Impacto da estiagem na produção mundial de alimentos deve aumentar a demanda de exportações agrícolas

Diego Nuñez

diegon@jornaldocomercio.com.br

Uma seca generalizada em diversos continentes do Hemisfério Norte pode causar forte impacto na agricultura setentrional. A seca já é a pior em décadas em algumas partes da Ásia e da Europa. Nos Estados Unidos, as plantações de milho e de soja já estão sendo afetadas. Em meio a mais um empecilho global para a estabilização das cadeias produtivas, o Brasil pode ter novamente um papel fundamental. Com a persistência da situação, a demanda por alimentos produzidos no País e no Estado deve aumentar.

Os principais rios da Europa estão encolhendo diante da mais severa seca que atinge o continente em décadas. Em entrevista ao jornal The Guardian, Andrea Toreti, do Centro Conjunto de Pesquisa da Comissão Europeia, projetou que essa pode se tornar a pior seca do continente em mais de 500 anos.

O forte calor causou ondas de incêndios florestais no nor-

te da África e regiões da Europa em agosto e resultou na morte de 38 pessoas na Argélia. Segundo a mídia do país, foram contabilizados mais de 200 feridos em razão das chamas.

Na Ásia, a China está lutando para aliviar a escassez de energia e levar mais água para a bacia do Rio Yangtze, em meio a onda de calor recorde, implantando fundos de ajuda, semeando nuvens e desenvolvendo novas fontes de abastecimento. Afetado por mais de 70 dias de temperaturas extremas e chuvas fracas, o Yangtze abastece mais de 450 milhões de pessoas e um terço das plantações do País.

Ele é o maior rio chinês e terceiro do mundo. Neste verão, o rio está em níveis alarmantemente baixos. As consequências são sentidas em várias províncias, onde os habitantes sofrem apagões elétricos e várias fábricas tiveram que reduzir e interromper sua produção.

Como reflexo da seca, o Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (USDA) reduziu a estimativa da safra mundial

de 2022/2023 para 1,172 bilhão de toneladas, ante 1,180 bilhão em agosto. A safra dos Estados Unidos em 2022/23 foi indicada em 354,19 milhões de toneladas, contra as 364,73 milhões de toneladas apontadas em agosto.

A estiagem no Hemisfério Norte, portanto, deve impactar toda a cadeia global de fornecimento de alimentos. “Não é que a seca pode impactar, ela vai. E vai ser um impacto importante. Em qualquer circunstância, nós já teríamos problemas. Mas, neste ano em particular, é ainda mais grave pois nós temos uma cadeia de eventos negativos para a oferta global de alimentos. A queda nos estoques mundiais resulta de problemas que vêm desde de 2019. Depois a pandemia dessincronizou uma série de cadeias e agora temos a guerra que tirou parte da produção russa e ucraniana da normalidade de oferta. Os problemas se acumulam”, avaliou o economista-chefe da Federação da Agricultura do Estado do Rio Grande do Sul (Farsul), Antônio da Luz.

Ele acredita que os proble-



Pior seca em décadas atinge América do Norte, África, Europa e Ásia

mas enfrentados ao norte da Linha do Equador devem impactar a agricultura brasileira e, conseqüentemente, a gaúcha. O mundo hoje já vê o País como um player essencial no fornecimento de grãos e proteína animal. Com o Brasil tendo previsão de safra recorde e o Rio Grande do Sul, já afastado da estiagem, tendo a possibilidade de ter sua melhor colheita de verão da história (33,8 milhões de toneladas), as exportações devem

ser beneficiadas.

“O Brasil já é hoje o maior exportador líquido de alimentos do mundo. Em um cenário de perdas no Hemisfério Norte, enquanto nós já tínhamos uma crise global de alimentos no radar, o mundo conta com o Brasil para se abastecer. O agravamento da safra no Hemisfério Norte aumenta a relevância do Brasil para o abastecimento. Temos um compromisso com o planeta de ajudar o mundo a se estabilizar”, afirmou Luz.

País é ponto de estabilidade em caso de crise, diz diretor da ABPA

O diretor de mercados da Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA), Luis Rua, não acredita que o impacto da seca abalará os estoques mundiais, mas vê o Brasil como um importante ponto de estabilidade em caso de crise. “Acho que não

será um impacto gigantesco, mas sempre temos que estar atentos a esses movimentos climáticos. mundo hoje bastante conectado. O Brasil é um importante player e vai ter boa safra este ano. Se houver encarecimento de preços na Europa, Ásia e EUA, um mo-

mento de crise mundial de alimentos tem aumentado significativamente a importância do País e o Brasil vai ser sempre opção”, afirma ele.

Rua acrescenta algumas intempéries nesta série de problemas que afetam a economia

global. “O mundo passa por problemas de energia e a situação deve piorar no final do ano quando o inverno chega ao Hemisfério Norte. Também foi um ano de ciclo ininterrupto de influenza aviária, e assim aumentamos em 7,1% o volume de carne de frango

exportados entre janeiro e agosto. A influenza é um risco para produção mundial de frango e esse ciclo ininterrupto preocupa autoridades de Holanda e França. Deve gerar dificuldade para a produção da Europa”, avalia o diretor de mercados.

Culturas de inverno apresentam bom potencial no RS

Se o clima colaborar até o final do mês, a safra de inverno do Rio Grande do Sul deve se consolidar positivamente para os produtores. A avaliação é do presidente da Federação das Cooperativas Agropecuárias do Estado do Rio Grande do Sul (FecoAgro/RS), Paulo Pires. O dirigente lembra também que o mês de outubro será decisivo para a cultura do trigo, que vem em uma expectativa de recorde de produção.

Conforme o presidente da FecoAgro/RS, a cultura atingiu a maior área em anos. “A safra teve a maior área desde 1980 e agora temos um bom potencial produtivo”, afirma.

Na cultura da Canola, Pires também ressalta que as pri-



Safra de trigo deve apresentar produção recorde no Estado

meiras lavouras apresentam um bom potencial produtivo. “Nas regiões mais quentes a cultura da Canola esse ano ocupou uma área expressiva no Rio Grande

do Sul e já começam a ser dessecadas. A região das Missões já colheu as primeiras cargas, apresentando um bom potencial produtivo”, destaca.

Receita de exportações de genética avícola cresce 22,7% em agosto

As exportações brasileiras de material genético avícola totalizaram em agosto US\$ 15,7 milhões, informa a Associação Brasileira de Proteína Animal (ABPA). O número é 22,7% maior que o registrado no mesmo período do ano passado, com US\$ 12,7 milhões. Considerando o volume exportado, as vendas de genética avícola registraram queda de 14,9%, com 1,299 mil toneladas exportadas no oitavo mês de 2022, contra 1,527 mil toneladas no ano anterior.

No acumulado do ano, as receitas em genética avícola acumulam alta de 15,5%, com US\$ 110,3 milhões em 2022, contra US\$ 95,4 milhões de 2021.

Já em volume, houve retração de 2% no comparativo de 2022 com 2021, com 9,698 mil toneladas exportadas este ano, contra 9,892 mil toneladas no ano anterior. Entre os principais destinos das exportações do setor em 2022, destacam-se o México, com 37,4% do volume embarcado entre janeiro e agosto, seguido por Senegal, com 31,7%, Paraguai, com 17,9%, e Bolívia, com 3%. “Apesar de uma leve retração no volume exportado em 2022, há uma notável elevação nos preços médios de exportação do setor, o que indica o aumento da pressão de mercado por genética avícola”, analisa o presidente da ABPA, Ricardo Santin.